

# Quando publicar deixa de significar circular

*Dos portões acadêmicos à seleção algorítmica das ideias*

**Jandislei Antonio Genova**

*Advogado, pesquisador independente e autor de “Autonomia Decisória na Era da IA”.*

Qual é o maior objetivo de um pesquisador?

Publicar um artigo? Integrar uma instituição prestigiada? Ser citado? Obter reconhecimento acadêmico?

Tudo isso importa. Mas existe um objetivo anterior: fazer com que suas ideias ingressem na vida intelectual — sejam lidas, discutidas, confrontadas, refutadas ou desenvolvidas.

Uma pesquisa confinada ao computador de seu autor ainda não completou esse percurso. O conhecimento não se realiza apenas quando é produzido. Precisa encontrar outros sujeitos e submeter-se ao escrutínio, à crítica e à possibilidade de refutação.

**O problema começa quando publicar deixa de significar circular.**

Este texto parte de uma distinção indispensável. Não se reivindica reconhecimento científico sem avaliação. Reivindica-se a possibilidade de circulação transparente antes ou fora da validação formal, preservando-se a diferença entre hipótese, ensaio, *preprint*, artigo submetido e trabalho revisado por pares.

## Validar, publicar e circular não são a mesma coisa

O sistema de publicação científica — expressão empregada aqui para abranger periódicos, editoras, indexadores, instituições de pesquisa e mecanismos de reconhecimento — exerce uma função indispensável. A revisão por pares, quando conduzida com rigor e independência, pode identificar fragilidades metodológicas, corrigir imprecisões e impedir que afirmações insuficientemente fundamentadas recebam prematuramente o estatuto de conhecimento validado.

**Não há ciência consistente sem crítica.**

Reconhecer essa função, contudo, não exige tratar validação, publicação e circulação como sinônimos. Uma revista pode atribuir validação especializada a uma pesquisa. O problema surge quando

reconhecimento, indexação e reputação ficam excessivamente concentrados em determinados veículos, reduzindo as possibilidades de circulação qualificada fora deles.

Todo sistema de publicação necessita de critérios. Embora o meio digital tenha reduzido antigas limitações materiais, permanecem escassos o tempo editorial, a disponibilidade de pareceristas e a capacidade institucional de avaliar o crescente volume de submissões. A seleção, portanto, não é em si ilegítima. Uma avaliação recente sobre o presente e o futuro da revisão por pares também identifica limitações estruturais e discute intervenções destinadas a fortalecer sua confiabilidade e sustentabilidade (ACZEL et al., 2025).

A questão está na arquitetura construída ao redor dos filtros. Processos demorados, critérios pouco transparentes, custos elevados e concentração de reputação podem transformar uma função legítima de curadoria em barreira cumulativa. Além da qualidade do manuscrito, determinados contextos editoriais podem ser influenciados por reputação autoral, prestígio institucional, idioma de publicação, recursos para traduções ou taxas e inserção prévia em comunidades acadêmicas. Esses fatores não operam de modo uniforme, mas podem produzir vantagens ou desvantagens.

Não é necessário presumir uma conspiração coordenada. Estruturas seletivas podem gerar fechamento sem que exista uma intenção centralizada de excluir.

## **O prestígio que pode chegar antes do argumento**

Essa preocupação não decorre apenas de experiências individuais.

Em experimento realizado por Huber e colaboradores, versões substancialmente idênticas de um trabalho receberam avaliações diferentes conforme fossem atribuídas a um laureado com o Nobel, a um pesquisador pouco conhecido ou apresentadas de forma anônima. Tomkins, Zhang e Heavlin, em experimento controlado realizado durante a avaliação de trabalhos submetidos à conferência WSDM 2017, encontraram, na modalidade simples-cega, maior probabilidade de recomendação favorável a trabalhos de autores conhecidos e de instituições prestigiosas.

Esses resultados devem ser interpretados dentro de seus desenhos experimentais. Não demonstram que toda revisão por pares seja determinada pelo prestígio, nem autorizam generalizações sobre todas as disciplinas e periódicos. Revelam, contudo, que sinais externos ao conteúdo podem interferir na avaliação. O manuscrito nem sempre chega sozinho ao parecerista: pode vir acompanhado por reputação, pertencimento e autoridade previamente constituída.

**O prestígio pode anteceder a leitura.**

A resposta não consiste em desconsiderar toda informação institucional. A filiação pode sinalizar acesso a bibliotecas, comitês de ética, orientação metodológica, financiamento e comunidades permanentes de crítica. Sua consideração não é necessariamente ilegítima. O problema aparece quando deixa de funcionar como informação contextual e passa a substituir o exame substantivo do manuscrito.

Para o pesquisador independente, a ausência de vínculo reduz sinais convencionais de confiança. Isso não prova discriminação nem transforma independência em certificado de qualidade. Significa que ele precisa demonstrar por outros meios a confiabilidade que a filiação institucional pode inicialmente sinalizar: método explicitado, fontes verificáveis, transparência sobre limitações, registro das versões e abertura à crítica.

A qualidade do argumento deve permanecer no centro. Pesquisas inadequadas precisam ser criticadas ou recusadas, qualquer que seja a identidade de seus autores. Ideias potencialmente relevantes, porém, não deveriam receber menor consideração substantiva unicamente por terem surgido fora dos circuitos convencionais de legitimação.

## A circulação pode produzir crítica — não certificação

A internet alterou essa arquitetura. Plataformas profissionais, redes acadêmicas e repositórios permitem que um texto encontre leitores antes — ou independentemente — de sua publicação em periódico.

Isso não transforma automaticamente conteúdo disponibilizado em conhecimento científico. Visualizações não certificam rigor. Curtidas não validam hipóteses. Popularidade não equivale à verdade.

A exposição responsável de uma ideia pode, entretanto, ampliar o número e a diversidade de interlocutores capazes de identificar lacunas, formular objeções e estabelecer conexões. A circulação pública não equivale à revisão por pares, mas pode produzir crítica.

Também é possível o fenômeno inverso: um artigo formalmente publicado permanecer praticamente invisível, protegido pelo selo editorial, mas ausente da conversação intelectual. Por isso, uma distinção precisa ser preservada:

- validação informa a espécie e o grau de exame especializado;
- publicação torna o trabalho formalmente disponível em determinado veículo;
- circulação descreve seu efetivo deslocamento entre leitores e comunidades;
- visibilidade diz respeito às condições pelas quais poderá ser encontrado.

Nenhuma dessas dimensões substitui automaticamente as demais.

## Ciência aberta: funções diferentes, plataformas diferentes

LinkedIn, SSRN, Zenodo, OSF e ResearchGate não desempenham a mesma função.

O LinkedIn é predominantemente uma rede profissional de circulação e interlocução. O SSRN se dedica especialmente à disseminação de trabalhos, inclusive versões preliminares. O Zenodo oferece depósito e preservação com identificadores persistentes. O OSF reúne recursos mais amplos de gestão, colaboração, registro e compartilhamento de projetos. O ResearchGate funciona sobretudo como rede acadêmica, meio de descoberta e contato.

Essas plataformas não eliminam o papel dos periódicos nem atribuem legitimidade científica a tudo o que hospedam. Elas distribuem funções antes mais concentradas: circulação, preservação, descoberta, acesso, interlocução e documentação pública e datada da disponibilização de um trabalho.

Essa documentação pode servir como elemento de anterioridade intelectual, mas não equivale automaticamente a reconhecimento de prioridade científica, comprovação incontestável de autoria, proteção patentária ou constituição de direitos exclusivos.

A escolha do ambiente também exige atenção às políticas de direitos autorais, às versões autorizadas para depósito e às condições de preservação. DOI e data de depósito facilitam identificação, citação e descoberta; não certificam qualidade científica nem substituem revisão por pares.

A Recomendação da UNESCO sobre Ciência Aberta associa abertura a acesso, transparência, escrutínio, crítica, colaboração e redução de desigualdades. Não sustenta, por si, uma acusação de discriminação contra pesquisadores independentes ou de monopólio editorial. Seu valor aqui é mais preciso: reconhecer que o conhecimento pode ser disponibilizado por diferentes infraestruturas, desde que sua natureza e seu grau de avaliação sejam informados com clareza. A OCDE igualmente relaciona a ciência aberta à ampliação do acesso, da colaboração e da transparência, ao mesmo tempo que reconhece desafios de infraestrutura, incentivos e sustentabilidade (OCDE, 2021).

Ciência aberta não significa ausência de critérios. Significa ampliar as possibilidades de acesso e exame sem apagar as diferenças entre ensaio, *preprint*, relatório, artigo revisado por pares e obra consolidada.

## Do filtro editorial à ordenação algorítmica

A abertura digital não eliminou a mediação. Modificou parte de sua arquitetura.

No modelo editorial tradicional, o filtro mais visível ocorre antes da publicação: editores e pareceristas decidem se o texto ingressará naquele veículo. Nas plataformas digitais, o ingresso costuma ser mais

acessível. Depois da publicação, porém, mecanismos de ordenação e descoberta participam da distribuição da atenção.

O próprio LinkedIn informa que seus sistemas de inteligência artificial e algoritmos consideram centenas de sinais para definir o conteúdo exibido no feed, incluindo características da publicação e dados relacionados ao perfil, à rede e à atividade do usuário. Em documentação técnica publicada em 2026, a empresa descreve mecanismos de recuperação e ordenação que utilizam informações do perfil, histórico de interações, metadados e sinais de engajamento para selecionar e classificar conteúdos.

Isso permite uma conclusão delimitada: a disponibilidade técnica de uma ideia não assegura exposição equivalente. Sistemas de recomendação, conexões e métricas participam das condições pelas quais determinados conteúdos serão apresentados.

Não se pode concluir que todo baixo alcance resulte de intervenção algorítmica. A visibilidade depende de múltiplos fatores: tamanho e composição da rede, histórico de interações, idioma, formato, frequência, interesse do público e qualidade percebida. Tampouco se deve pressupor que a ordenação seja necessariamente hostil ao conteúdo denso; sistemas de recomendação podem aproximar trabalhos relevantes dos leitores adequados.

A questão estrutural permanece: quando uma infraestrutura privada organiza o encontro entre autores e leitores, ela participa da distribuição da atenção.

O periódico controla predominantemente o ingresso em seu próprio espaço. A plataforma facilita o ingresso, mas ordena a visibilidade posterior. Em ambos os casos, existe uma estrutura intermediária entre a ideia e o leitor — com critérios, finalidades e graus de transparência distintos.

## DUAS ARQUITETURAS DE SELEÇÃO DO CONHECIMENTO

Publicar, validar, circular e ser encontrado são etapas distintas



**Figura 1** — Arquiteturas predominantes de seleção do conhecimento: filtragem editorial anterior à publicação e ordenação digital posterior da visibilidade.

*Fonte: elaboração própria.*

## A democratização da publicação não democratiza, por si, a atenção

Nunca foi tão fácil tornar um texto tecnicamente disponível. Ao mesmo tempo, a abundância de conteúdo converteu a atenção em recurso escasso, disputado e administrado por infraestruturas de busca, conexão e recomendação.

A ideia pode existir na plataforma e ainda permanecer praticamente invisível.

A democratização da publicação não garante, por si, a democratização da atenção.

Essa é a passagem central: os periódicos e as plataformas não representam a oposição simples entre controle e liberdade. Organizam a visibilidade por arquiteturas seletivas diferentes. Na publicação científica tradicional, a seleção mais explícita antecede o ingresso; nas plataformas, parte relevante da seleção ocorre depois, pela ordenação daquilo que poderá ser descoberto.

### **O problema da mediação não desaparece. Muda de lugar.**

Essa mudança aproxima a circulação do conhecimento de uma questão mais ampla de arquitetura informacional. Uma plataforma não precisa proibir determinada ideia para influenciar seu alcance. Basta ordenar conteúdos segundo critérios que tornam alguns mais prováveis de aparecer do que outros. Essa ordenação pode ser útil e inevitável diante da abundância informacional; justamente por isso, merece transparência, possibilidade de escrutínio e leitura crítica.

O pesquisador contemporâneo precisa compreender as duas passagens. A primeira exige rigor suficiente para enfrentar a avaliação especializada. A segunda exige formatos, redes e estratégias capazes de tornar o trabalho encontrável sem sacrificar sua complexidade.

## O conhecimento precisa de mais de uma passagem

A resposta não está em abandonar periódicos nem em tratar toda publicação digital como equivalente a um artigo científico.

É mais razoável construir formas complementares de circulação e legitimidade. Livros podem organizar e aprofundar teses. Periódicos podem promover avaliação especializada. Repositórios podem preservar, registrar e tornar acessíveis as versões. Plataformas profissionais podem ampliar a interlocução. Leitores e pesquisadores podem testar argumentos, apontar lacunas e desenvolver novas perguntas.

Essas funções não são necessariamente concorrentes. Podem formar um ecossistema mais aberto, desde que cada conteúdo revele com transparência sua natureza, sua versão e o exame a que foi submetido.

O selo editorial não deve substituir a leitura do argumento.

O alcance digital não deve substituir sua consistência.

Entre o selo e a popularidade existe um espaço essencial: o debate intelectual informado.

A validação científica pode exigir filtros rigorosos. A circulação das ideias, contudo, precisa dispor de mais de um caminho — sem que nenhum deles oculte o grau de avaliação recebido.

O futuro da pesquisa não depende da destruição dos portões acadêmicos. Depende de que validação, acesso, circulação e visibilidade deixem de ser confundidos como se fossem a mesma coisa.

**Sobre o autor** — Jandislei Antonio Genova é advogado, pesquisador independente e autor de “Autonomia Decisória na Era da IA”. Dedicar-se ao estudo da autonomia decisória, da influência cognitiva estrutural e dos impactos jurídicos e institucionais das arquiteturas algorítmicas.

## Referências

ACZEL, Balazs et al. *The present and future of peer review: Ideas, interventions, and evidence*. Proceedings of the National Academy of Sciences, v. 122, n. 5, 2025. DOI: 10.1073/pnas.2401232121.

HUBER, Jürgen et al. *Nobel and novice: Author prominence affects peer review*. Proceedings of the National Academy of Sciences, v. 119, n. 41, 2022. DOI: 10.1073/pnas.2205779119.

LINKEDIN. How the Feed ranks content. LinkedIn Help, atualização de 2025. Disponível em: <https://www.linkedin.com/help/linkedin/answer/a9554004>. Acesso em: 30 jul. 2026.

DANCHEV, Hristo. Engineering the next generation of LinkedIn’s Feed. LinkedIn Engineering Blog, 12 mar. 2026. Disponível em: <https://www.linkedin.com/blog/engineering/feed/engineering-the-next-generation-of-linkedins-feed>. Acesso em: 30 jul. 2026.

OCDE. *Open Science: Enabling Discovery in the Digital Age*. OECD Science, Technology and Industry Policy Papers, n. 110, 2021. DOI: 10.1787/81a9dcf0-en.

TOMKINS, Andrew; ZHANG, Min; HEAVLIN, William D. *Reviewer bias in single- versus double-blind peer review*. Proceedings of the National Academy of Sciences, v. 114, n. 48, p. 12708–12713, 2017. DOI: 10.1073/pnas.1707323114.

UNESCO. Recommendation on Open Science. Paris, 23 nov. 2021. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/legal-affairs/recommendation-open-science>. Acesso em: 30 jul. 2026.